



CARACTERÍSTICAS DE MENINO E DE MENINA: UM DISCURSO CULTURAL

Aldaberon Vieira do Nascimento¹
Anderson Matias Cardozo²

RESUMO

As “características de menino e de menina: um discurso cultural” é uma análise da obra “Feminina de menina, masculino de menino”, de Márcia Leite. A partir da leitura percebe-se que as crianças são educadas a assumirem papéis com características específicas sobre o que é de menino e o que é de menina. Ao mesmo tempo a obra transfere para o(a) leitor(a) as reflexões permitidas a partir das revelações de cada gênero. Na obra adotada para o acervo de alfabetização das escolas públicas brasileiras permite-se a leitura de que o discurso de gênero e sexualidade está presente na escola além do currículo oculto e pode oportunizar um momento de formação humana para os sujeitos inseridos nesse espaço. As diferentes características culturais podem implicar uma série de estereótipos nos discursos de gênero e sexualidade. Os confrontos das narrativas dos personagens acontecem dentro de uma perspectiva que define os papéis de gênero conforme os relatos. A sociedade, por meio de suas instituições socializadoras, desponta como uma agente influenciadora na formação dos discursos. Ela mostra o que cada gênero faz e/ou como deve se portar e ensina a abafar seus sentimentos e o seu lado do sexo/gênero oposto. A sociedade cri(ou)a as identidades pelas quais os gêneros se mostram e os papéis se (auto)definem. Como a escola é um espaço de formação, esta é responsável pela construção do conhecimento adquirido no seu entorno e tem a missão de desconstruir estereótipos de gênero e sexualidades, mesmo quando estes estão muito presentes em si.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade, Estereótipos, Cultura, Sociedade, Educação.

INTRODUÇÃO

Os aspectos culturais pensados que apontam para este texto pressupõe uma discussão que vem de séculos arrebatados de variadas culturas. Foucault (2010) expõe isso na sua “História da Sexualidade – A vontade de aprender”; Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) reafirmam tal propósito, dentre outros(as) autores(as) que como Leite (2011) discutem e abre espaço para um diálogo, cada vez mais preciso sobre sexualidade, como corrobora este trabalho.

A leitura da obra de Leite “Feminina de menina, masculino de menino” (2011) desperta para o olhar crítico como acontecem os discursos em torno do assunto no meio em que vivemos.

¹ Pós-graduando do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola- GDE da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aldaberonvn@hotmail.com

² Cientista Social (Sociólogo). Professor e Pesquisador. Graduação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Especialista em Ciências Políticas; Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas do Departamento de Pós-Graduação de Ciências Sociais (UFCG) TDEEP (Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas). Pesquisa na área de Sociologia do Trabalho, com abordagem acerca de Trabalho e Gênero.



As expressões culturais que cultuamos justificam os comportamentos arraigados de preconceitos e divisões de gênero nos espaços ocupados pelos diferentes grupos humanos. A escolha do tema se dá pelo espaço discursivo que o texto proporciona para a construção de um ambiente sadio no recinto escolar e social construtores de culturas. Assim, de forma geral objetiva-se analisar os discursos socioculturais apresentados a partir dos estereótipos de sexualidade cultivados entre as sociedades. E mais especificamente, interpretar os paradigmas culturais característicos dos assuntos relacionados as questões de gênero e sexualidades; Analisar os discursos sociais que estigmatizam os comportamentos de acordo com os gêneros a partir da cultura social; Compreender os comportamentos dos sujeitos escolares considerando as influências dos diversos grupos onde estão inseridos(as).

O percurso metodológico parte das teorias apresentadas pelos autores que discutem com o texto de Leite de forma a absorver bem mais que simples teoria, mas torna a pesquisa além de bibliográfica, explicativa a partir de deduções provocadas pelo olhar para o objeto de estudo e solidificando-se pelas vivências.

Os resultados alcançados expõem algumas características que são apontadas como sendo de meninas e de meninos de forma diferentes que os separam pelo gênero e as sexualidades. No entanto, essa diferença é resultante da cultura que provoca a diversidade das sociedades humanas (BRASIL, 2001). Foucault (2014) aponta um conjunto de aspectos culturais que esclarecem tal diversidade. E isso ajuda a entender o que se passa na cabeça dos personagens narradores de “Feminina de menina, masculino de menino”.

Os discursos dos personagens propiciam um deleite acerca das características apontadas para cada gênero como sendo próprias de sua sexualidade. E isto oportuniza que este trabalho inicie uma nova discussão com base nos diálogos nos papéis de gênero e sexualidades.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho nos debruçamos numa pesquisa de cunho bibliográfico a partir da leitura crítica do texto de Márcia Leite (2011) com ilustrações de Sônia Magalhães. Para dialogar com a obra de Leite recorreremos a outras referências como Foucault (2010, 2014), Louro (2003 e 2008), Veloso (2018), Fonseca, (2018), Cavalcante, (2009), Silva (2013), Nascimento (2019) e PCNs (2001).



Os discursos relacionados as questões dos opostos de gênero explanados pela autora através de seus personagens constituem o objeto de estudos da pesquisa possibilitando uma interpretação crítica dos paradigmas apresentados.

Quanto aos objetivos, a pesquisa constitui-se como explicativa com embasamento teórico, levando em consideração os questionamentos e relatos no decurso do texto nos diálogos confidenciais dos personagens.

Já em relação ao método utilizado, recorreremos ao Método Dedutivo como o mais adequado para este trabalho, observando-se fatos e falas levantados no percurso das leituras selecionadas para a produção do texto, o sentido interpretativo do mesmo nos possibilita um raciocínio que parte do geral para o particular. Tal percurso possibilita(ou) uma reflexão acerca das questões das sexualidades construídas há várias gerações com seus estereótipos e estigmas sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde tempos remotos tem-se que a sociedade educa seus agentes dentro de normas e regras legisladas (ou não). Fato é que na mais tenra infância meninos e meninas são educados(as) a obedecerem regras dentro de uma perspectiva do que é “próprio” para cada gênero.

As crianças são educadas a assumirem papéis com características específicas sobre o que é de menino e o que é de menina. Neste sentido, elas são induzidas a assumirem papéis que ocuparão posteriormente: o que é específico de menina e o que é de menino dentro das normas estereotipadas pela/na sociedade. São papéis diferentes que estigmatizam o que é “próprio” para cada um(a).

Os papéis masculinos são mais valorizados e submetem os papéis femininos. Isso implica uma presença fortemente visível de desigualdade entre homens e mulheres. Este é um outro aspecto que sobressai na sociedade: as mulheres/meninas são subjugadas em relação aos homens/meninos. Nos discursos de “análise das relações de gênero [...] (a) hierarquia milenar colocava o gênero masculino como, qualitativamente, superior ao feminino [...]” (VELOSO, 2018, p. 88).

Essa desigualdade entre homens e mulheres é uma construção social causada pelas relações que nela se desenvolvem de acordo com Foucault (2010) e Louro (2008).



Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (LOURO, 2003, p.28).

Os discursos que atravessam as relações sociais apontados pela autora são os mais diversos dentro de uma perspectiva das normas binárias que etiquetam padrões heteronormativos cultivados com muito afincado pela sociedade. Esses discursos estão presentes em todos os grupos sociais há muito tempo e se permeiam na contemporaneidade.

Em “Feminina de menina e masculino de menino” (2011), Marcia Leite busca mostrar os discursos relativos às meninas do ponto de vista dos meninos e os discursos relativos aos meninos do ponto de vista das meninas. Nota-se nesses discursos as relações sociais e suas representatividades a partir de cada gênero dentro uma perspectiva sociocultural.

O enredo é contado por dois narradores que fazem autocríticas e criticam um ao outro utilizando-se de elementos que contam do ponto de vista de cada gênero como o seu/sua oposto/a se comporta e/ou se identifica.

O texto de Márcia Leite é ilustrado por recortes e desenhos de Sônia Magalhães e ambas de forma leve transferem para o(a) leitor(a) as reflexões permitidas a partir das revelações de cada gênero.

Em 2013 o livro passou a integrar o acervo das escolas públicas, distribuído pelo Ministério da Educação-MEC, por meio do Programa Nacional do Livro Didático-PNLD para a Alfabetização na Idade Certa. Neste contexto, o livro é direcionado a alunos(as) das turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental objetivando o apoio ao processo de alfabetização e incentivo a formação de leitores(as).

Neste sentido, compreende-se que o discurso sobre as questões de gênero e sexualidade está sendo inserido na escola, ainda que de forma tímida, uma vez que costumeiramente ouve-se relatos de profissionais justificando a ausência da temática de gênero e de sexualidade nas licenciaturas e/ou nos cursos de formação continuada. Porém, “é necessária a formação desses(as) profissionais, pois o(a) professor(a) precisa perceber que sua função é mediar a aprendizagem e garantir que a escola atenda todas as diferenças” (FONSECA, 2018, pp. 79-80).

Cavalcante enfatiza que “a formação de professores, inicial e/ou continuada, quando focada na compreensão do currículo como um instrumento revelador das culturas [...] evidencia os momentos de conflito e os possíveis direcionamentos a serem seguidos por cada sujeito” (2009, pp. 24-25). E quando se trata de questões relacionadas a sexualidade, os conflitos são



visíveis, logo, “[...] a formação serve para compreender melhor a dimensão educacional da escola e a responsabilidade docente” (CAVALCANTE, 2009, p. 25).

Diante do caráter educativo de sua obra, Leite provoca reflexões, através da narração de suas personagens quando sugerem e/ou opinam como os meninos se comportam diante do que acreditam ser de menino e como as meninas se comportam diante do que acreditam ser de menina.

No primeiro contato com o texto o(a) leitor(a) se depara com os seguintes questionamentos:

Alguém devia dizer para as meninas que elas não são princesas de verdade... Será que elas acreditam que os meninos existem só por causa delas? Como aqueles príncipes bobos, que aparecem no final dessas histórias de fadas, só para salvar a princesa?

Alguém já pensou em contar para os meninos que eles não são heróis de verdade? Sabe o que eu acho? A verdade é que os meninos só conseguem bancar os heróis quando brincam de lutar com meninos menores que eles. (LEITE, 2011, pp. 6-7).

Esse primeiro contato é permeado pelas narrativas dos contos de fadas, onde os meninos são idealizados como príncipes e heróis que aparecem para salvar as meninas do ataque de algum bandido que amedronta a princesa delicada e indefesa idealizada pelas meninas. Por extensão também há um viés racista, uma vez que essa princesa tem cor e estereótipos de uma pureza e estética branca.

Inverso a essa idealização, para os meninos o príncipe é um bobo e para as meninas, os meninos só são heróis quando lutam e vencem “meninos menores que eles”. Está intrínseco no texto os discursos que desde os tempos mais remotos configuram os papéis de gênero apresentados na sociedade. Nesses papéis os meninos são mais fortes do que as meninas. São papéis constituídos de poder. Meninos, incentivados à competição, luta, desafios. Componentes de uma personalidade e marca social. Enquanto isso às meninas lhes cabe apenas a premiação aos guerreiros. Não são incentivadas à luta e desafios que as coloquem numa relação de inserção e desbravamento no mundo.

E essas relações de poder se configuram na sociedade contemporânea como aspectos de uma cultura que ainda cultiva as características masculinas como superiores as femininas. Destarte, “a cultura pode assumir um sentido de sobrevivência, estímulo e resistência” (BRASIL, 2001, p. 44).

Os confrontos das narrativas das personagens acontecem dentro da perspectiva que define os papéis de gênero conforme os relatos. Para os meninos, as meninas se acham bonitas,



perfumadas, delicadas, vaidosas. Mas na verdade são fofoqueiras, convencidas, irritantes, injustas, mandonas. Já para as meninas, os meninos se sentem corajosos, fortes, espertos, engraçados. No entanto, eles são do contra, dizem que meninos não choram, xingam, não tem paciência, arrotam alto, tiram meleca do nariz, são bobos, bagunceiros, cheios de chulé, além de falar palavrão. As meninas competem entre si para serem premiadas com a figura de um príncipe.

Esses termos estão ligados ao que Foucault classifica como pertença doutrinária. Segundo ele, “[...] a pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro” (FOUCAULT, 2014, p. 40). É a correspondência entre o que os meninos pensam das meninas e o que as meninas pensam dos meninos e como eles(as) se veem ou se autodenominam se relacionarmos aos discursos proferidos por ambos(as).

Nascimento afirma que:

As crianças acabam reproduzindo o que ouvem ou veem em relação às concepções de gênero e sexualidade. E tal aspecto chega à escola, uma vez que esta não é uma instituição isolada da cultura nem do seu tempo histórico. Ela é contemporânea e os aspectos sociais veementemente se apresentam nesse espaço (2019, n. p.).

Por ser também uma instituição cultural a escola é um espaço de “aprendizagem” que ensina além do que se apresenta no currículo oficial. Mas, sobretudo no que está implícito no currículo oculto. Este é, conforme Silva “constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (2013, p. 78). Logo, ao ingressar na escola a criança já tem um conhecimento cultural do mundo onde está inserida. No entanto, acrescenta ainda o autor:

[...] precisamos saber “o que” se aprende no currículo oculto e através de quais “meios”. Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista (SILVA, 2013, pp. 78-79).

Nesse contexto, o currículo oculto é constituído dos aspectos que cada sujeito apresenta a partir das normas sociais do grupo ou dos grupos dos quais faz parte.

Um reflexo da sociedade capitalista citada por Silva (2013) aparece no texto quando a narradora relata: “alguém devia ter coragem de dizer para esses meninos que eles não precisam ficar fingindo que são corajosos, fortes e espertos” (LEITE, 2011, p. 9). Desde cedo, a sociedade capitalista impõe que os meninos devem ser fortes e corajosos. Pois homem não chora e esses



ensinamentos são colocados nos primeiros contatos do/no seio familiar e levados para além desse espaço. São os estereótipos de masculinidade cultivados socialmente e perpetuados nos contos de fadas, por exemplo. “Numa perspectiva cultural da masculinidade, ela pode ser entendida como forma de sentir, agir, saber e fazer-se masculina, com imbricamento de todas essas maneiras de apresentar-se ao mundo”, relata Silva (2016, p. 26).

E acrescenta: “nesse sentido, temos a necessidade de lembrar novamente que “masculinidades” é então, um ideário em construção para nos referirmos aos diversos homens do mundo” (SILVA, 2016, p. 33).

Por sua vez, os estereótipos de feminilidade explicitados socialmente apontam para características opostas as masculinas: “Elas conseguem ficar cheirosas o dia inteiro, mesmo sem tomar banho. Elas são capazes de encontrar as coisas que a gente perde e pensa que nunca mais vai achar” (LEITE, 2011, p.10). Nesse caso, as meninas aparecem como mais higiênicas do que os meninos. Prezam pela boa aparência. As mulheres aparecem como sendo ‘mais’ vaidosas do que os homens. E ainda surge a questão do sexto sentido feminino quando essas são capazes de encontrar “as coisas” que parecem invisíveis aos olhos masculinos. E, afora tudo isso ainda tem a questão da confiança: “Todos os adultos, não sei por quê, sempre acreditam mais em uma menina do que em um menino” (LEITE, 2011, p. 16).

As meninas são mais confiáveis? Os meninos mentem e por isso sua palavra não tem crédito? Esses são alguns questionamentos que surgem a partir das ações dos meninos. Contudo, disserta Foucault: “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram [...]” (2014, p. 50). Neste sentido, expõem o narrador masculino:

Eu acho que as meninas são seres muito irritantes.
Elas fazem de tudo para nos provocar. Conhecem todos os truques pra deixar a gente muito, mas muito nervoso.
E quando as meninas vão para um cantinho e ficam olhando pra gente, cochichando e dando risada?
Ai, que raiva!
E quando elas convidam a gente para brincar e de repente, por qualquer coisinha, dizem que não querem mais?
Ai, que ódio!
E quando elas fecham os olhos, tampam as orelhas e cantam “lá, lá, lá, lá, lá” só para não ouvir o que a gente está falando?
Só existe uma coisa mais irritante que uma menina: muitas meninas! (LEITE, 2011, p. 14).

Por sua vez, para as meninas:

Os meninos pensam que são muito engraçados...



Eles vivem fazendo piadas de qualquer coisinha, mesmo quando não tem graça nenhuma. Parecem uns bobos.

Dá a maior raiva quando os meninos começam a imitar as meninas. Eles ficam ridículos falando com vozinha fina e rebolando, mas se acham muito engraçados... Mas quando uma menina faz alguma gracinha com a cara deles, a coisa é diferente: ficam vermelhos de vergonha, abaixam os olhos e às vezes até choram. (LEITE, 2011, p. 17).

Os discursos discorridos pelas meninas e pelos meninos, como citou Foucault, por vezes se cruzam, por vezes se excluem. Fato é que ambos se relacionam de forma harmônica ou conflitante, porém, “de vez em quando eles nem parecem meninos e elas nem parecem meninas” (LEITE, pp. 24-25).

Para Foucault “estamos muito longe de haver construído um discurso unitário e regular da sexualidade” (2014, p. 63). É partindo desse ponto que os discursos implementados por Leite contextualizam o que se vê nos estereótipos que se apresentam no seu texto caracterizando e por vezes estigmatizando os papéis de gênero cultivados pela sociedade. Nesses estereótipos a sociedade mostra o que cada gênero faz ou como deve se portar e ensina a abafar seus sentimentos e o ‘seu lado do sexo/gênero oposto’.

Quando a narradora exclama: “Eu nunca vou confessar pra nenhum menino, mas se eles não existissem o mundo ia ser uma chatice só” (LEITE, 2011, p. 26), a autora começa a mostrar que as meninas podem ter um contato com os meninos de uma forma crítica reconhecendo a relevância deles na sua vida. Da mesma forma que os meninos, como sugere o narrador: “Eu acho que o mundo ia ficar muito sem graça se só existissem meninos... Mas as meninas não podem saber disso” (LEITE, 2001, p. 27). Meninas e meninos podem viver sem estes estereótipos. Nesse sentido, Hall expressa que eles e elas agem assim para “expulsarem os “outros” que ameaçam sua identidade” (2011, p.57).

A sociedade cri(ou)a as identidades pelas quais os gêneros se mostram e os papéis se (auto)definem: “[...] eles são muito diferentes da gente. Eles são muito MASCULINOS”. “Meninas são bem diferentes dos meninos. Elas são muito FEMININAS, [...]” (LEITE, 2011, pp 26-27). Socioculturalmente as mulheres foram/são criadas exercendo um papel secundário e os homens um papel primário onde ele exerce um poder sobre o sexo/gênero oposto do qual, também não se ‘desvincula’. A autora exprime esse vínculo nos papéis quando narra a forma (auto)crítica como os/as personagens (re)agem:

Eu já expliquei porque eu não gosto de meninos.

Bem, mas de um menino eu gosto muito.

Esse segredo eu não conto para ninguém. Nem para minhas amigas! Meninas são muito fofoqueiras!

Eu quero que as meninas fiquem bem longe de mim.



Bom, eu até gosto quando uma menina fica perto de mim. Só uma. Mas ela nunca vai ficar sabendo. Não conto para ela, muito menos para um menino. Eles vão morrer de dar risada! (LEITE, 2011, pp. 28-29).

Os conflitos sociais estereotipados nos papéis de gênero se correlacionam com os ‘discursos’, em tese, como aponta Foucault (2014) quando diz que são práticas descontínuas que por vezes se cruzam e por vezes se ignoram. Cada um com as suas características diferentes, mas que em determinados aspectos se misturam. Porém, o orgulho, os tabus... os estigmas criam barreiras que dificultam, ainda na contemporaneidade, um discurso homogêneo aos gêneros ou aos papéis de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante o exposto nota-se que os estereótipos de masculinidades e feminilidades ensinados às crianças desde cedo são responsáveis pelas características que cada um desenvolve ao longo da vida. A educação dada no seio familiar e reforçada na escola, ainda que de forma oculta algumas vezes, mostra como estes estereótipos são cultivados em todas as gerações.

O quadro abaixo sintetiza, de acordo com Leite o que denomina-se características de cada gênero:

Meninos	Meninas
Heróis	Princesas
Corajosos/ Espertos	Perfumadas/cheirosas
Fortes	Delicadas
Asquerosos/rídiculos	Fofoqueiras
Impacientes/nervosinhos	Irritantes
‘Nojentos’	Dedo-duro
Bobos	Mandonas
Folgados/bagunceiros	Vaidosas/frescas
Esquisitos/sem higiene	Delicadinhas (‘inhos/as’)

Embora o que está exposto se relacione com características que se observam em cada gênero/sexo, “a diversidade das sociedades humanas não se explica pela diferença [...], mas sim pela cultura” (BRASIL, 2001, p. 45). Logo, tem-se que são aspectos relacionados à cultura. E por ser cultural, é tudo muito relativo e varia de sociedade para sociedade, considerando ainda a contemporaneidade presente nesta era.



Muitos aspectos das culturas vem se modificando com o tempo, em cada geração. Isso implica compreender a diversidade de comportamentos de homens e mulheres em função da época e do lugar onde estão.

Os padrões de comportamento diferenciados para homens/meninos e mulheres/meninas são transmitidos desde cedo através dos grupos sociais onde estes(as) estão inseridos(as). Destarte, estes padrões estão relacionados “[...] ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos” (BRASIL, 2001, p. 144).

Foucault, (2014, p. 63) expressa que não se pode empreender um estudo como este sem “analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, onde se trata da sexualidade, onde esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada”. É possível compreender o quão complexo se torna o discurso da sexualidade diante da diversidade de culturas e padrões sociais que o direcionam, o esteriotipam, o estigmatizam. Através dos elementos objetivados do biológico (os sexos) se subjetiva os sujeitos, tomados, sobretudo, por uma ordem de classificação hierarquizada, e que sedimentam relações de poder e dominação.

Para o autor “estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade” (FOUCAULT, 2014, p. 63). E isso pode ser visivelmente notado na narração dos personagens da obra de Leite (2011). E permite compreender que “a sexualidade [...] faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual possa se “despir”” como corrobora Louro (2008, p. 81).

As diferenças entre os sexos e/ou os gêneros expressos pelos meninos e pelas meninas no decurso da obra de Leite, além do que foi explicitado no quadro acima, culminam com os relatos de afinidade e orgulho presentes nas relações entre ambos. Afinidades quando em seus relatos estão presentes as expressões: “*nem parecem meninos...*” e “*nem parecem meninas...*”, relacionando-os aos comportamentos que se desarmam quando há um clima de conquistas entre os sexos opostos. E, de orgulho quando mesmo diante de tais sentimentos não se permitem assumir o que pensam ou sentem porque pesa reconhecer quando em seus atos “*eles são muito masculinos*” e “*elas são muito femininas*”.

Essas diferenças conferem identidade aos grupos sociais diante da diversidade onde se encontram e se relacionam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



São vários os discursos que se projetam entorno das questões de gênero e sexualidade como se pode notar no decurso do texto apresentado. Isso tem chamado atenção de vários autores que se debruçam em pesquisas diversas buscando esclarecer e apontar meios para o entendimento das teses apresentadas sobre o tema, algo que ultrapassa gerações e épocas. Contudo, é pertinente compreender que gênero e sexualidade se diferenciam em seus conceitos: gênero é uma construção social, e por isso dotada de muitos estigmas e estereótipos dentro de uma estrutura de dominação simbólica. Por sua vez sexualidade, é um elemento que expressa a dimensão de personalidade constitutiva da pessoa e manifesta-se independentemente de ensinamentos. Expressa desejos e prazeres.

A partir do texto de Leite (2011) pode-se compreender como as meninas se comportam diante de seus anseios em relação aos meninos e como se portam os meninos em relação as meninas. Os discursos de gênero proporcionam esse diálogo a partir da terceira pessoa e permitem que haja uma relação mútua entre os interlocutores: personagens e leitor(a).

O desenvolvimento do texto permite esse olhar de sentir-se parte da narrativa, uma vez que todos os seres dotados de pensamentos humanos se ‘surpreendem’, por vezes, em conflitos pessoais sombreados pelas características definidas como sendo próprias de um ser com base no gênero no qual é reconhecido.

As características de menino e de menina como um discurso cultural é uma forma de inquietar ainda mais e provocar o buscar novas (in)formações sobre a temática para permitir-se além dos espaços ocupados, ocupar novos espaços para quebrar paradigmas e desconstruir discursos estigmatizados como os que aparecem no decorrer no texto.

Destarte, compreende-se que muitos avanços já foram conquistados nos diálogos sobre a temática, mas muitas conquistas ainda precisam acontecer. A sociedade ainda cultiva raízes que reforçam muitos estereótipos preconceituosos sob(re) os [papeis de] gêneros.

Por isso, espera-se que este trabalho aponte percursos que clareiem discursos sobre a temática e aporte novas pesquisas e novos diálogos instigados pelas características “femininas de menina e masculinas de menino”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural/orientação sexual. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.



CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt. Currículo, culturas juvenis e formação de professores. In CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt e SOUZA, Rui Antônio (org). **Culturas Juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009;

FONSECA, Robson Rodrigo Pereira da. O viadinho da escola. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo. Edições Loyola, 2014;

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I, a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. (Rio de Janeiro, 1988) São Paulo. Graal, 2010;

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011;

LEITE, Márcia. Feminina de menina, masculino de menino. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2011;

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003;

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008;

NASCIMENTO, Aldaberon Vieira do. **Menino veste azul e menina veste rosa: estereótipos de identidades de gênero num contexto educacional**. Fortaleza - CE, 24 a 26 de outubro de 2019. Disponível em:
<https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV127_MD1_SA7_ID3302_13082019205408.pdf>. Acesso em 01 mai. 2020.

SILVA, José Carlos. Saúde dos homens, educação e participação popular no SUS. In CERVINSKIS, André, SILVA, José Carlos, (org.). **Homens e suas masculinidades**. Recife. Tarcísio Pereira Editor, 2016;

SILVA, Tadeu Tomaz. **Documentos e Identidades, uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica. 2013;

VELOSO, Marcelo Augusto. Cenas passadas, mas não tão passadas. In CERVINSKIS, André, SILVA, José Carlos, (org.). **Homens e suas masculinidades**. Recife. Tarcísio Pereira Editor, 2016.